

DAS BREVES NOTAS DE UM DESAPARECIDO

ARUERA

Osias Ribeiro Neves

Curso de Ciências Sociais da FAFICH

N O S O T R O S

ou

A PONTE PARTIDA

0. CÓMO COMPRENDER LA INTENSIDAD DE LA VIDA
SI EL VIVIR ES PRECARIO Y
SI NOS CORTAN SIEMPRE LA ALTERNATIVA DE LOS
CAMINOS ?
CÓMO COMPRENDER NUESTROS CAMARADAS SI
NO PODÉMOS
SIQUIERA SABER LA INTENSIDAD DE SU GESTO
Y SI CADA
VEZ MÁS LA HAMBRE SE INSTALA COMO
PERSPECTIVA DEL VIVIR ?
EN FIN: CÓMO ENCONTRAR MI DONDE, SI NI SÉ
DÓNDE ESTOY ?

“ESTOY PERDIDO EN EL UNIVERSO”

para o amigo Matusalém do Carmo Vieira

&

para Marisa, sempre.

1.

As penas e suas lentidões absolutas estavam numeradas e dispostas em cofres separados e inertes. As chaves se encontravam presas noutros compartimentos secretos.

O júri se distinguia pela imparcialidade mas o julgamento sempre comprometido.

O réu, completamente despido fôra colocado numa jaula e naquele momento era mesmo fera ferida a exhibir aos ilustres cavalheiros presentes, as chagas tecidas durante a assinatura (assassinatura) da confissão.

O júri estava disposto a acabar de vez com a brincadeira e por isso o nervosismo na espera do sortear, as penas e suas lentidões absolutas. Não havia empecilhos quanto às regras do jogo; tudo fora aprovado pelo rei

Teodomiro não acreditava na sorte com a mesma intensidade em que acreditava na parcialidade da justiça cega.

“Neste palácio da justiça, muitas injustiças são cometidas em nome da justiça”, pensou.

As penas usadas para a condenação vinham de diversas aves e nunca se sabia previamente qual o critério do sorteio.

Teodomiro suspeitou do riso enviado por entre as grades pelo oficial de óculos e teve as mãos mutiladas.

(quanto às penas)

A pena que lhe coubesse por sorte seria levada à balança da justiça e de acordo com o seu peso em grammas, o réu receberia a sentença, sendo que: cada grama equivaleria a um ano de reclusão.

(Solitário / Solitária)

Agora, ocorria que cada pena levava em sua haste uma parte metálica e foi assim que logo após o sorteio, Teodomiro se viu condenado a “Cem anos de Solidão”.

AS PENAS E SUAS LENTIDÕES ABSOLUTAS

2.

Nada. Decididamente. Nada. O contorno da boca,
o espelho fácil, a fuga:
merda.

Veio o nascer da noite, corpo manso gerando as trevas
entre espadas & reis de bronze e, na noite nada se
contempla que não sejam luzes, raízes cravadas no
limbo; fotografia vadia & virá dia assim tão de
neve/leve, que todo e qualquer corpo alçará vôo &
resistirá ao encalce da manhã apontada para o dentro
do útero.

A espera:

O ESPERMA.

Odentro assim abismático, composto de muitas
ausências, um labirinto vertiginoso, com uma única
saída, a boca; o precipitar-se para fora, outro abrir-se,
outro abismo:

A VIDA.

Vieram os anjos, brinquedo de Marlisa; imparciais,
inexatos com suas asas de avião & araram a terra,
armando por sobre a tarde uma ponte como semente
de um novo amanhar.

AMANHASSE.

Marlisa sorriu o perfume das damas da noite, (a chuva
caía lacrimal) se fez carne e habitou meus mistérios
corrompidos por estranhos vermes alojados em minhas
células a criar o "stress corrosivo": hematomas
horríveis, dores, na pele e no último de meus desejos.
Não. Decididamente. Nada adianta negar esta
ausência. O que posso muito apenas é retardar os
acontecimentos.

Amar a duas mulheres, a quinze, que importa;
Absurda esta sociedade burguesa, caduca,
tremendamente utilitarista, montada no desperdício
e consumo das vidas. (Sentimento latino) & veio o
nascido da noite. Vieram os anjos loucos com seus
fogos, espadas na tentativa de recompor as cores dos
olhos e as partituras das mãos. Não. Decididamente.
Nada.

As mãos se entreabriram e Marlisa pôde habitar todas
as dimensões no mesmo espaço. Apesar da sua suposta
inocência, percorreu as quase invisíveis linhas das
mãos num mergulhar-se azul dentro do estôjo do beijo:

CORPO NA ARTÉRIA DO SOL, DA MANHÃ

: tédio/ remédio

e

na voz de Marlisa o caminhar constante, o acalanto
se pondo

(sol morto nos portais dourados como auréola
de infância desfazendo outrora)

longe, longe, bem longo. Um raio atravessando a
vidraça, a descoberta do mistério dos olhos ;

O VER-SE

O VERDE.

a. importa muito dizer ainda que muito
após a dispersão dos raios naturais e
artificiais, penetráveis com suas bombas
alagando os sete cantos do planeta /
sete mortes/, virá dia (esse rasgado
em rajadas cores) em que os olhos se
voltarão latentes aos nascimentos em
latino-américa.

b. os olhos (estes misteriosos labirintos,
essas janelas abertas ao medo) estarão

estrelas enquanto o corpo (este desatinado
engano) será ternamente coberto de um azul
extra-terreno, que “resistirá profundo à
opressão do aço”.

ps: tatuagem 1

no corpo está atada a fotografia
aberta e Marlisa está disposta, assim
como eu, a caminhar entre as selvas/relvas.

tatuagem 2

as chagas habitam o peito (hematomas,
febre, lepra) e o sangue está disposto
no asfalto.

FAÇAMOS A PONTE.

3.

Daqui deste terceiro lugar a última besta se debate
para a preservação da vida.

Não me atrevo a emitir o calor de outros tempos
nem a falar do vento vindo dos passarinhos.

Mudo, meu corpo restringe todas as dimensões do
azul.

Insisto vivamente em afirmar que nada tive a ver
com os “doces” assassinatos neste terceiro mundo.

A espera reside no renascimento das formas.

Antes estivesse eu com os pés no chão sentindo o cheiro
gostoso de barro, ouvindo o barulho dos animais em fuga
pela planície;

esses amáveis animais com suas pastas de couro cru,
enfeitados sempre pelos colares cores; dentes de
irmãozinhos oprimidos.

Antes pressentisse eu o acontecer da mudança e
enviasse meus

livros ao fogo, bem como as recordações de Marlisa.

ps: Teodomiro pressionava o peito contra a parede e tentava o sono. Haviam muitas formigas em sua cela e o corpo já não alçaria vôo como antes da virada.
— E A MESA VIROU, pensava.
Não conseguia colocar bem os fatos depois de que aconteceu o golpe. RUDE GOLPE.
Os documentos talvez nem tivessem chegado ao seu destino:
talvez o ganhar do fogo. Teodomiro tentava arquivar o enredo e se lançar em pontes como se fosse mudar de tempo.
Era preciso desnortear.
Era preciso dar uma risada,
uma TREMENDA GARGALHADA.

4.

aparecência do estranho. Bem que se deliciava. Se bem ainda que já pensasse na possibilidade de ser Teodomiro. Há bem tempos que ele não se amostrava. Teodomiro; formiga gigante, se perdendo sempre entre as pessoas e as coisas.

Chover,
Chovia.

Chuva anterior ao dilúvio, nos olhos dele e nas suas estranhas coincidências. Precisava comprar envelopes e enviar a Brasília o restante dos escritos que cada vez mais se acumulavam nas gavetas. Aquele animal talvez aparecesse por aqui e apanhasse o material. Mas ele, não. Não se tratando de um “cronópio”, não o faria e mesmo que se decidisse, o seu doce aspecto de “fama” amonstrado de “esperança”, o impediria.

Besta imunda;

Resta apenas para Marlisa espalhar as penas por sobre as camas e demorar este ato de se derramar em tédio.

AS PENAS NAS SUAS LENTIDÕES ABSOLUTAS...

5. De nada adiantaria ficar supondo que aquele passageiro engano fosse trazer à tona toda a tristeza daqueles tempos. Iriânia nunca sorriu seriamente e mesmo quando tentava, tecia lendas e se deliciava no folclore que se manifestava no seu rosto moreno. Por vezes chegava a ser parecida com aquelas borboletas, dançando o seu fogo à meia luz, um tango de Gardel. "Que venga el tango"!... E eu, dançava sempre, apesar da ausência de ritmo, no gosto do tango subindo pelas narinas, descendo pela garganta molhada de cuba-libre. Era preciso desnortear a importância do seu gesto e denunciar seus olhos verdes perdidos sempre na luz fosca do abajur lilás dançando a dança dos vampiros e dos mortos.

Amei-a em todos os idiomas e dos maus momentos que tive frente ao sexo quando tentava repudiá-lo, rasgá-lo de meu corpo sedento, ela se me envolvia tentando pouso certo prometendo-me o eterno.

"NADA SEI DE ETERNO"

Nada. Decididamente. Nada me adianta o contorno da boca, o antigo encontro de nossos lábios, o mesmo papo comigo mesmo na mesa de sempre, o amargor supremo das noites de verão perdidos no limiar da história.

O corpo (este desatinado engano, estas grandes grades a serrar-me encerrando-me entre as paredes), (SOLITÁRIA: SOLITARIO) sempre exposto à fragilidade das horas na obscura loucura do amor.

...vagalumes; muitos mais serão precisos e preciosos a clarear nossos corpos nas noites sem compromisso a assumir os labirintos cravados pelas trevas de nossa carne virgem a preocupar-se com a luz estilhaçada na completa ausência de fotografia. Amou-me e hoje isto se torna ainda mais claro e cada vez mais sinto que desejava-me como a um cavalo que não rejeita montaria. Muitas carícias me foram feitas como a um cão caseiro e eu, idiota, imune dos pecados, rastejei-me até o rio de seus olhos tentando o espelho para a fuga. — É preciso não pensar. Quanto mais se pensa mais se envolve. Apesar desta afirmativa com a qual Anayansi me advertera, eu não podia ignorar o desenrolar do processo que a todo momento jogava-me de encontro às recordações. — Estoy hablando de la muerte, novamente Anayansi. Não importa. Nada importa se o medo louco está cravado à luz da pele e se sempre, cada vez mais, sua densidade tende a aumentar.

Bala.

crivada no peito
no meio da fala
de dentro da sala
o sangue,
medo,
vendaval.

De nada me adianta estas loucuras cravadas no limiar dos olhos se no ato de se apressar estes anos, a descrência invadirá inevitavelmente os lábios descarnados na completa corrosão do antigo medo. Iriânia sorria sempre no retrato guardado em minha memória e cada vez que eu a projetava na tela, alguns aspectos eram retocados como o retrato de meu bisavô exposto na ante-sala. Soube sempre da inércia das fotografias e que elas não são nada mais que um momento de pleno gozo

em que a “expressão alça vôo”, tentando encontrar o rumo doce e suave do perpetuar-se em si.

p: “labirinteriores”;

Iriânia esteve tão dentro, tão dentro que agora, é como se eu a tivesse vomitado.

6.

“Quando se fecha uma porta, se abrem mil janelas mas...

qual delas será a que nos conduzirá ao caminho mais próximo da porta?”

Teodomiro conhecia de cor estas palavras proferidas por Anayansi mas em sua vida não havia janelas e apenas pequenas manifestações descortinando medos, vindas do nordeste de sua mente.

A solidão fria apavorando o corpo também frio de nada adiantava. Era preciso tentar novamente a fuga.

A ESPERA GRANDE

: o esperma.

O dentro de Marlisa guardando o último segredo de vida, tecido na noite passada juntos debaixo de um porão onde a primeira bomba não pode alcançar. Era preciso comer. Fazia tempos que não se deliciava com uma boa comida daquelas que costumava “filar” na casa de Marlisa. Aqui, agora, de nada adiantava fitar estas lembranças inúteis guardadas a sete chaves a se projetar vez por outra nesta absurda tela.

Nada. Decididamente. Nada mesmo adiantava o espelho; a fuga, o salto, o grito sem éco, se cada vez mais a morte se deliciava na curvatura de sua carcaça.

7.

- Aceita um cigarro?
- Não fumo.
- Antes fumava ; me lembro.
- Fumar é um ato livre. Há bem dez anos que não fumo.
- Está protestando ?
- Como queira.
- Sabe que será removido desta prisão ?
- Hoje ?
- Agora.
- Removido ou desaparecido ?
- Nunca se sabe meu caro, nunca se sabe...
- Não tenho medo. Nada mais importa.
- Idiota! ... Se “entregasse” os que estão de posse dos documentos, poderia se safar.
- Nunca !
- Louco.!
- Menos que vocês todos ,
- Sua luta terminou, imbecil...
- Devolvo-lhe as suas próprias palavras ; “nunca se sabe meu caro, nunca se sabe”...
- Você já está no fim, será que não pode ver isso ?
- Eu sei... E é por isto que não direi nada.
- Se falar terá nova chance, garanto...
- Já está tudo consumado... Há muito tempo...
Ê preciso saber quando se perde, apesar de eu não me considerar perdido.
- Como não ? Acaso espera algum milagre ?
- Ê apenas questão de forjar um tempo propício.
As idéias nunca morrem.

**“EM NOME DA LIBERDADE O OPRESSOR MATA
O HOMEM QUE TENTA SER LIVRE”**

8.

Talvez Iriânia se dispusesse a passear pelas ruas de Paris numa completa madrugada e procurando encontrar a Maga num canto qualquer, “num café do bairro latino”.

Talvez se fizesse ou mesmo se transformasse na “mulher azul” de D.J., e mesmo não tendo eu, freqüentado o “Flor de Minas”, desesperadamente estaria sempre à sua espera.

Tivesse ela seis ou oito anos menos e estaríamos juntos bailando talvez em tangos num dos cabarés na Rua Direita na Argentina, escondendo o nosso despropósito de não se conhecer o caminho de volta.

Talvez ainda ela se dispusesse a dar as mãos a um antigo amor de primavera sem se descuidar da idade que agora muda todo o curso da história. Um pequenino passeio não lhe poderia fazer mal algum, principalmente se fosse possível o retôrno, a volta, e, mesmo que voltar implicasse em assumir todos os labirintos gerados no caleidoscópico da suposta partida e a “borboleta” talvez, no seu pequenino vôo vertiginoso não estivesse disposta em assumir a sua necessidade, a nossa mentira de uma luz brotando do dentro.

**“O AMOR É UM FLUIDO,
QUE SE ESVAI,
QUE SE ESVAI.**

9.

Mariposa como companheira...

Marilene a se desmanchar pelos cabarés desta absurda

cidade, a iluminar os olhares dos homens cansados do trabalho, do dia a dia, de suas mulheres incompreensíveis monótonas e repetitivas. A dor deles saindo entre uma e outra dose de cachaça, no intervalo entre um e outro cigarro, na tosse e nos passos abismáticos num tango de Gardel. Marilene e seu sorriso compreensivo me deixava sempre um beijo na face e ensaiava o descanso. Eu, o outro, completamente tolo, aceitava suas carícias num completo abandono. Nada sabia eu a respeito de seus amantes e do "Elite", nas noites frias. Apenas que seu corpo quente sempre presente em minhas moradas sombrias, levava-me a uma excitação incalculável : e sua língua dançava no meu céu da boca como se fosse lua (ameba no cosmos) boiando no espaço e eu então ia ficando enorme tardio livre e deserto e era como se eu estivesse nos limites da morte.

Nunca me foi dado saber essas coisas de minha amiga mariposa e só agora, velho que estou, descubro a ânsia das tantas fugas ao lhe ver de novo. Você me olha, me contempla como a um deus decadente e pra você é como se fosse ainda em tempo hábil. Crê piamente que o seu amigo das horas de folga, da utopia, das noites vazias e descontraídas, nunca desconfiou e nem agora sabe que você era a "doce borboleta loira" que vagava pelas noites de Belô tentando sempre, como uma antiga mariposa, o encontro louco da luz antes do amanhecer.

Claro que me deixo enganar o que procuro sempre evitar que você um dia descubra que eu sei de cor todos os caminhos percorridos por seus vãos.

Ah! Marilene. Aquela música do Nelson Gonçalves nunca mais me sairá da alma.

“DOIDIVANA NAS NOITES VAZIAS”...

10.

VALLA
ABIERTA EN MI PECHO
ADENTRO EN LA SALA
LOS PLATOS EN LA MESA
LA SANGRE
MIEDO
VENDAVAL.

Perguntaram-lhe se queria brincar de cabra cega.
Teodomiro não se manifestou.
Perguntaram-lhe se queria beber água.
Fez sim com a cabeça .
O de máscara de “zorro” trouxe-lhe fel.
O que tinha perna de pau e cara de pirata amarrou-lhe
as mãos com um trapo.
O da espada escarrou-lhe no rosto.
O que tinha olho de vidro e tatuagem no peito
colocou-lhe um pano preto nos olhos afirmando
ser colírio.
O que estava de tanga e penas por sobre a cabeça,
aprumou a machadinha e segurando os cabelos
de Teodomiro, tirou-lhe o escalpo.
Teodomiro ainda pensou em Marlisa e sorriu.
O que estava alisando o pênis pensou que Teodomiro
sorria dele e então deu-lhe um chute no saco.
Teodomiro se contorcia em dores.
O “zorro” disse que Cristo havia sofrido muito mais.
Todos gargalhavam.
O mais generoso deu ordem para que colocassem
o condenado encostado no paredão.
Os de verde obedeceram, aprumaram os fuzís e
fizeram mira.

O mais velho de todos, guardando uma estranha aparência com o “garrote vil”, abriu a janela, tomou um gole de Rhum e ordenou que atirassem.

11.

E, mesmo que tentasse, Marlisa jamais compreenderia as notícias publicadas nos jornais anunciando que o preso da cela 17, de nome Teodomiro, havia fugido pra local ignorado, talvez fora do país e depois de tantas buscas foi dado mesmo como desaparecido.

Marlisa alisava o ventre onde germinava o fruto Teodomiro, filho de Teodomiro, tecendo sonhos de seda em torno do mistério da vida. Nada.

Decididamente. Nada. Vieram novamente os anjos, brinquedo de Marlisa mas agora seria impossível ficar na curvatura deste desmedrado tempo, armando pontes por sobre a tarde sem nenhuma perspectiva de mudança. A primeira visita se aproximava e Marlisa não teve dúvidas: Danilo. Da-ni-lo, dividiu em sílabas.

Antes mesmo que ele penetrasse pelo portão adentro, Marlisa correu ao quarto, ensaiou uma lágrima, ajeitou os cabelos abrindo um caderno de anotações de Teodomiro onde escreveu a frase derradeira completando assim as idéias de Teodomiro, sem mesmo ter conhecimento das que estavam grafadas.

A dor estava atada no limiar dos olhos e mesmo ainda assim Marlisa não se indispôs. Chegou até a sala, cumprimentou Danilo e entregou-lhe o caderno de Teodomiro como havia de ser, como estava escrito, e abrindo a última página leu em voz alta a frase que se destacava do restante dos escritos : “A dor está compreendida nos corpos e a ponte está feita sobre o atlântico dos olhos”.

Os olhos de Marlisa — Aos olhos de Danilo.

Os olhos de Danilo — Aos olhos de Marlisa.

A música no ar; um tango de Gardel.

Danilo, o louco, o poeta, tomou as mãos da dama
e o tango tomou vida nos passos abismáticos do par.

“UMA SAUDADE IMORTAL,

CARLOS GARDEL.

12.

pequenas observações:

Muitas das frases que estão entre aspas são de autoria de **DANILO DOS SANTOS PEREIRA**, poeta louco que há alguns anos vem tentando organizar estas idéias dos escritos confusos de um desaparecido de nome Teodomiro que era seu melhor amigo. Sobre sua morte ele insiste em afirmar que nada sabe e que o relato aqui colocado não passa de imaginação sua e que o leitor não deve ver nelas a menor conotação de verdade. Apesar dessas suas falsas afirmativas, ele admite que se estivesse na França ou noutra lugar em que a liberdade não seja apenas palavra, exporia claramente as idéias do desaparecido Teodomiro. Insiste vivamente em afiançar que nunca mais encontrou Marlisa e que apenas esparsas notícias sem grande significado têm sido levadas até ele. Quanto às observações feitas nestes textos aqui colocados em forma de um “anti-conto”, devo confessar que interferi, mas não me entendam mal assim desta maneira rude, pois tudo que fiz foi para a manutenção dos originais de Teodomiro. Danilo não poderia ficar com esta enorme responsabilidade, ele está muito velho e sua tendência é muito conservadora.

T.R.N.F.

(ass. Teodomiro, filho de Teodomiro).

O. CÓMO COMPRENDER LA INTENSIDAD DE
LA VIDA
SI EL VIVIR ES PRECARIO Y
SI NOS CORTAN SIEMPRE LA ALTERNATIVA
DE LOS CAMINOS ?
CÓMO COMPRENDER NUESTRO CAMARADAS
SI NO PODEMOS
SIQUEIRA SABER LA INTENSIDAD DE SU
GESTO Y SI CADA
VEZ MÁS LA HAMBRE SE INSTALA COMO
PERSPECTIVA DEL VIVIR ?
EN FIN: CÓMO ENCONTRAR MI DONDE, SI
NI SÉ DÓNDE ESTOY ?
"ESTOY PERDIDO EN EL UNIVERSO".